
O Grupo Caminhos Junguianos como uma experiência de pesquisa e ensino-aprendizagem em Psicologia Analítica

Walter Melo

Introdução

O estudo sistemático da Psicologia Analítica no Brasil tem início com o trabalho desenvolvido por Nise da Silveira na Seção de Terapêutica Ocupacional e Reabilitação (STOR), no antigo Centro Psiquiátrico Pedro II (CPPII), origem do Museu de Imagens do Inconsciente (MII). Esse trabalho representa uma mudança radical nas concepções e ações referentes ao campo da saúde mental: (1) trata-se de um firme posicionamento contra a psiquiatria biologicista e seus métodos agressivos (SILVEIRA, 1981; 1986; 1992; MELO, 2001; 2005; 2009a; 2009b; MELLO, 2014); (2) assume um compromisso com o tratamento em liberdade, antecipando em alguns aspectos a Reforma Psiquiátrica brasileira (RPb) (MELO, 2007); (3) produz intensos diálogos com diversos artistas, levando para a sociedade o debate sobre o campo da saúde mental (MELO, 2010a; 2010b; 2011); (4) instaura uma inflexão teórica a partir das concepções de Jung (MELO; FERREIRA, 2013).

Seguindo essa tradição, desenvolvemos alguns aspectos referentes às implicações terapêuticas e pedagógicas da abordagem de Jung. Este percurso clínico e acadêmico teve início na Casa das Palmeiras, clínica em regime de externato inserida

no campo da saúde mental, fundada por Nise da Silveira e colaboradores em 1956 (SILVEIRA, 1986). Neste ambiente pautado pela “liberdade, atividade e afetividade” (MELO, 2001; 2017), foi possível acompanhar a emergência de conteúdos psíquicos integradores no cotidiano das atividades expressivas, evidenciando uma diversidade metodológica (MELO, 2018). Assim, as séries de imagens do inconsciente foram acompanhadas nos ateliês de pintura e de modelagem, em encenações teatrais, nas interações com a cidade (MELO, 2009a), na marcenaria e na elaboração de textos poéticos (MELO, 2013).

A experiência fundamental da Casa das Palmeiras serviu de base para trabalhos clínicos posteriores: no consultório particular; no ambulatório da Universidade Aberta da Terceira Idade (UnATI), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); na prática de acompanhamento terapêutico (AT); e no setor de emergência do Hospital Psiquiátrico de Jurujuba (HPJ), em Niterói, Rio de Janeiro. Aos poucos, porém, essa intensa prática clínica foi sendo mesclada às atividades acadêmicas – residência, mestrado, doutorado e pós-doutorado – criando condições favoráveis para um modelo pedagógico pautado, também, pelas variações metodológicas.

O Grupo Caminhos Junguianos da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) desenvolve ações articuladas de ensino/pesquisa/extensão, pautando-se na Psicologia Analítica. O interesse de Jung pelos fenômenos anômalos serve de base para o cotidiano de trabalho na universidade e cria importantes implicações pedagógicas (MELO, 2015), pautadas em duas diretrizes: (1) a educação pelo trabalho; (2) a busca pelos fundamentos teórico-metodológicos. Dessa maneira, a formação de estudantes possui dois vetores que se comunicam: (a) a prática clínica vinculada a diversas instituições de saúde e aos debates que emergem do campo social; (b) a reflexão teórica permanente. Trata-se, portanto, de um esforço para a organização de um espaço de debates que não se restrinja aos modos de representação do psiquismo (esboçados a partir de critérios de verdade), mas que priorize as maneiras de instalar o humano (legitimadas pelos critérios éticos) (FIGUEIREDO, 2015).

A educação pelo trabalho se dá, ao longo dos anos, em um campo multifacetado de práticas – Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), Centro de Testagem e Aconselhamento (CTA), Acompanhamento Terapêutico (AT) e Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) –, possibilitando a organização de conhecimento tácito¹: “*incorporado às capacidades* afetivas, cognitivas, motoras e verbais de um sujeito. [...] de natureza eminentemente pré-reflexiva” (FIGUEIREDO, 2015, p. 116). Como o conhecimento tácito corre o risco de se tornar mecânico, há um esforço de sistematizar a produção de conhecimento em supervisões semanais e em pesquisas que integram estudantes de diferentes âmbitos – iniciação científica, mestrado, doutorado e pós-doutorado – com a intenção de “abrir no curso da ação o tempo da indecisão, o do adiamento da ação, tempo em que podem emergir novas possibilidades de escutar e falar” (FIGUEIREDO, 2015, p. 125).

Há, portanto, que se manter a tensão entre o conhecimento tácito e o conhecimento explícito. Assim, os recursos pedagógicos cumprem duas importantes funções: possibilitar a inteligibilidade da experiência e o pensamento crítico-reflexivo (FIGUEIREDO, 2015). No entanto, nem todo conhecimento advindo da experiência é passível de se tornar explícito, inclusive o conhecimento dos professores. Assim, para que se possibilite o trânsito entre as duas formas de conhecimento – a educação pelo trabalho e a busca pelos fundamentos teórico-metodológicos – devem ser adotadas estratégias (recursos pedagógicos) que façam essa conexão, como as listas, os esquemas classificatórios, as cartas, os diálogos e as narrativas dramáticas (FEYERABEND, 2010). Em nosso contexto de estudos, privilegiamos o diálogo e as narrativas dramáticas (como os casos clínicos e os relatos de experiências institucionais).

¹ Em suas argumentações, Luiz Cláudio Figueiredo está apoiado nas concepções de Michael Polanyi (1974).

Esses diálogos e narrativas são aprofundados durante o Seminário Caminhos Junguianos², na elaboração de relatórios, dissertações, teses e em publicações (MELO; RESENDE; SILVEIRA; HENRIQUES; SOUZA, 2015; SOUZA; MELO, 2018; HENRIQUES; MELO, 2019; MELO; RESENDE, 2019). A partir dessas ações, o Grupo Caminhos Junguianos serviu de base para a criação do GT de Psicologia Junguiana, vinculado à Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia (Anpepp), fundamental para a instauração de um *lôcus* para a Psicologia Analítica em meio acadêmico.

A abundância do mundo e as metodologias variadas

Uma das características da produção científica, ou melhor, da produção acadêmica³, é o esforço permanente para simplificar os fenômenos observados (empirismo) e os raciocínios (racionalismo). Assim, ocorre a conquista da abundância e passamos a viver em “um mundo que só obedece a ditames científicos e a imperativos econômicos” (FEYERABEND, 2006, p. 13). Esta maneira de moldar e de afetar a realidade confere monotonia aos fenômenos que, a princípio, são extremamente variados. As pretensões de universalidade do conhecimento não evidenciam a unicidade daquilo que é representado, mas, antes, a instauração de um modo unívoco de conceber a realidade:

Muitos intelectuais são a favor dessa *abordagem autoritária*. Eles podem transbordar de preocupação por seus pares, os outros seres humanos, podem falar de “verdade”, “razão”, “objetividade” e até de “liberdade”, mas o que realmente querem é o poder para reformar o mundo em sua própria imagem (FEYERABEND, 2010, p. 71).

2 O Seminário Caminhos Junguianos teve, até o momento, as seguintes edições: (I) A Liberdade Ainda que Tardia (2013) – abordando a entrada da Psicologia Analítica nas universidades e em programas de pós-graduação stricto sensu; (II) A Travessia do Sussuarão (2015) – com debates sobre a proposta interdisciplinar de Jung que, ao longo de seus estudos, promoveu importantes articulações com pesquisadores de diversas áreas do conhecimento; (III) A Poesia na Luta/A Luta na Poesia (2017) – com debates sobre a relação entre as artes e a resistência política. Neste ano (2019), acontecerá o IV Seminário Caminhos Junguianos: outra metade de mim, outra metade de nós, abordando a diversidade religiosa em nosso país.

3 Dessa maneira, podemos incluir, sem maiores polêmicas, as chamadas Ciências Humanas, dentre as quais a Psicologia.

Esta maneira de conceber o mundo e de produzir conhecimento sempre foi extremamente criticada por Jung. Considerava que aspectos pessoais interferiam de maneira direta nas observações dos fenômenos e nas concepções teóricas. Isso se daria em qualquer área do conhecimento, mais ainda na Psicologia. Temos, portanto, a afirmação da validade de diferentes concepções psicológicas e a defesa enfática da variedade de maneiras de observação, de metodologias empregadas e de concepções teóricas (JUNG, 2011a). Jung concebe a Psicologia como um campo múltiplo, com tendência à ampliação de modelos teóricos.

Mas Jung não está se referindo apenas a visão de determinado pesquisador e as maneiras como ele observa e raciocina. Sua crítica se estende aos procedimentos utilizados e à necessidade de confirmação de determinadas ideias. Em seus estudos, permanecia atento aos fenômenos anômalos (MELO, 2015): no início da carreira pesquisou sessões mediúnicas (JUNG, 2011b) e reelaborou o teste de associação de palavras (JUNG, 2011c); auxiliou Bleuler na mudança de concepção de demência precoce para esquizofrenia e elaborou o conceito de “complexo de tonalidade afetiva” (JUNG, 2011d); posteriormente, se aproximou da Psicanálise, tornando-se um de seus principais colaboradores (JUNG, 2011e); empreendeu estudos de mitologia comparada para acompanhar as fantasias de uma paciente de Flournoy, reelaborando o conceito de “energia psíquica” (JUNG, 2011f); empreendeu estudos sobre alquimia, estabelecendo conexões históricas entre a Psicologia Analítica e a obra alquímica (JUNG, 2011g); estabeleceu diálogos com o físico Wolfgang Pauli, elaborando a noção de “sincronicidade” (JUNG, 2011h).

Além da variedade dos modos de observação e de temáticas que extrapolam o campo científico habitual, Jung propôs metodologias variadas: teste de associação de palavras (JUNG, 2011c); mitologia comparada (JUNG, 2011f); confissão, esclarecimento, educação e transformação (JUNG, 2011i); método redutivo-causal e método sintético-constutivo (hermenêutico) (JUNG, 2011j); estudo da série de imagens do inconsciente (JUNG, 2011g, 2011k; MATTOON, 2013; SILVEIRA, 1981, 1992); imaginação ativa (JUNG, 2011l, 2011m); amplificação e circunambulação (JUNG, 2011g).

Ao longo da obra de Jung há, portanto, uma variedade de percepções, procedimentos, fenômenos, concepções teóricas e metodologias. Essa diversidade intensifica a produção de conhecimentos variados, implicando em novas elaborações pedagógicas: o estudante e seus múltiplos interesses passam a ocupar o centro das atividades desenvolvidas, nas quais estão presentes as histórias de vida, as diferentes personalidades, as maneiras de interagir, os estilos, os critérios éticos, os valores etc. Assim, além da multiplicidade de métodos, pretende-se trabalhar contra as regras de pesquisa bem estabelecidas, contrariando a mecanização e os hábitos (FEYERABEND, 2011).

Mitologemas e variações

As vivências emocionais são, muitas vezes, incompreensíveis e fazem emergir conteúdos psíquicos: pensamentos, fantasias, imagens etc. Em situações clínicas, Jung buscava compreender esse tipo de material por duas vias: (1) pelas associações com as experiências de vida do analisando, buscando os motivos pessoais relacionados a determinado conteúdo psíquico (método redutivo-causal); (2) quando o primeiro procedimento não oferece novas possibilidades de significação, o material decomposto no processo de análise passa, em seguida, por uma síntese (método sintético-construtivo) (JUNG, 2011j).

Muitas vezes, é possível identificar paralelos entre o material psíquico e temas culturais, de base arquetípica. Duas observações devem ser feitas: (1) não temos acesso ao arquétipo em si, pois este é um conceito limite, mas sim às imagens arquetípicas (JUNG, 2011n; JACOBI, 1986); (2) como esses temas identificados estão presentes em diversos relatos míticos, muitas vezes se supõem que há a elaboração inconsciente de uma narrativa mítica inteira, quando o que ocorre é a emergência de núcleos temáticos semelhantes, mas não iguais, denominados “mitologemas” (JUNG; KERÉNYI, 2001).

Os mitologemas se caracterizam como fragmentos dinâmicos de temas que encerram um drama emocional, compondo a relação entre a unidade e a diver-

cidade, pois o núcleo temático comum entre conteúdo psíquico e material da cultura produz uma unidade, ainda incompreensível. Esse primeiro paralelo somente passa a criar condições de inteligibilidade quando são efetuadas outras correlações com o mesmo tema central, ou seja, quando um tema é circunscrito, mas enriquecido pelas variações, “que se constituem no verdadeiro pulmão da mitologia” (BRANDÃO, 2004, p. 25).

Assim, temos, por exemplo, o núcleo central de uma experiência edípica, mas temos, também, a trilogia teatral de Sófocles. Mas, onde Sófocles buscou o material para compor os seus textos? Em inúmeras lendas com as variações do mito (KERÉNYI; HILLMAN, 1995). O mito, portanto, passa a ter uma versão canônica, principalmente quando é narrado de maneira escrita, e relega as variantes ao segundo plano. No âmbito pessoal, a emergência de um determinado conteúdo psíquico de base arquetípica evidencia a criação de um mito canônico, de uma repetição e, ao mesmo tempo, de um impulso para a repetição. Nesse caso, os paralelos com produções da cultura têm o caráter de variações, possibilitando que o tema entre novamente em movimento.

A multiplicidade de significados

O arquétipo é definido como uma forma sem conteúdo, como uma possibilidade, como “energia psíquica aglomerada” (JACOBI, 1986, p. 73). Em uma situação emocional que afeta drasticamente o sujeito, o campo inconsciente produz, de maneira compensatória, material simbólico (imagem arquetípica), formando uma representação da energia psíquica que precisa escoar (JUNG, 2011o). O símbolo é definido como “a melhor designação ou fórmula possível de um fato relativamente desconhecido” (JUNG, 2011a, p. 487). De maneira contrária, um conteúdo conhecido, que possui significação determinada, é um signo. Portanto, o símbolo possui variadas significações. Podemos deduzir, então, que a postura consciente frente a um material psíquico pode reduzi-lo a um significado único (signo) ou buscar a multiplicidade de sentidos (símbolo) (JUNG, 2011a). Para ganhar inteligibilidade, Jung recorre

às analogias (amplificação). Há, aí, duas possíveis conclusões precipitadas: (1) o terapeuta estaria inserindo conteúdos e, portanto, atribuindo significações (precipitação de psicólogos e/ou estudantes identificados com outras referências teóricas); (2) as analogias podem variar de maneira indeterminada (precipitação de psicólogos e/ou estudantes identificados com a abordagem junguiana). A segunda precipitação acaba justificando a primeira.

Como critério de parcimônia, Jung adota três procedimentos: (1) a analogia não é uma afirmação direta sobre o conteúdo psíquico, mas um “como se” (VAIHINGER, 2011); (2) a analogia deve causar impacto emocional e possibilitar a reflexão sobre o conteúdo original; (3) as analogias (amplificação) não devem produzir um afastamento em relação à imagem inicial, mas perfazer um caminho de afastamento e retorno à imagem psíquica, para uma nova analogia e retorno à imagem, produzindo uma estrutura circular ou em espiral (circuambulação). A referência para as analogias é sempre a imagem psíquica produzida por determinado sujeito em determinada situação emocional. Os significados não são atribuídos pelas analogias, mas pela reflexão provocada a partir delas. Enfim, o que importa e está em jogo é uma situação específica e não uma possível universalidade simbólica. Não se trata, portanto, de atribuir sentidos externos à vivência pessoal, mas possibilitar esclarecimento sobre algo obscuro.

Fazer mundo todos os dias

As proposições de Jung apontam para um esforço de superação de hábitos mentais e metodológicos. Dessa maneira, não se posiciona nem como puro empirista nem como puro racionalista. A produção de conhecimento deve levar em consideração que, entre a coisa em si (*esse in re*) e a ideia (*esse in intellectu*), existe a realidade em nós (*esse in anima*) (JUNG, 2011a):

A realidade viva não é dada exclusivamente pelo produto do comportamento real e objetivo das coisas, nem pela

fórmula ideal, mas pela combinação de ambos no processo psicológico vivo, pelo *esse in anima*. Somente através da atividade vital e específica da psique alcança a impressão sensível aquela intensidade, e a ideia, aquela força eficaz que são os dois componentes indispensáveis da realidade viva. Esta atividade autônoma da psique, que não pode ser considerada uma reação reflexiva às impressões sensíveis nem um órgão executor das ideias eternas, é, como todo processo vital, um ato de criação contínua. A psique cria a realidade todos os dias. A única expressão que me ocorre para designar esta atividade é *fantasia* (JUNG, 2011a, p. 66, grifo no original).

Desta longa citação, vamos destacar duas ideias interligadas: a fantasia é um ato de criação contínua e, a partir dela, a psique cria mundo. Jung (2011f) já havia postulado duas formas de pensamento: fantasia e dirigido. Enquanto o pensamento dirigido se caracteriza como um esforço de inteligibilidade direcionado para o outro, sendo cansativo e visando à adaptação, o pensamento “fantasia” ocorre de maneira contínua, não tendo nenhuma finalidade produtiva. Nesse primeiro momento, a fantasia é tida como algo que pode afastar o sujeito da realidade e não possui nenhuma relação com o mundo compartilhado de maneira cotidiana. Ao abrir mão da dualidade de pensamentos – fantasia e dirigido – e sem excluir a possibilidade de afastamento da realidade objetiva, Jung aprimora suas concepções e a fantasia passa a correlacionar ideia e coisa, sendo um fator preponderante de criação, inclusive da criação científica (PAULI, 1996).

A própria Psicologia Analítica se desenvolve, em grande medida, a partir da fantasia criadora (JUNG, 2012), encontrando paralelo histórico na alquimia chinesa (JUNG; WILHELM, 2013), passando para a elaboração teórica (JUNG, 2011g). Esse desenvolvimento é fruto de um duplo movimento, cada qual em dois níveis, da linguagem e da compreensão, respectivamente: (1) a produção dramática a partir de um engajamento literal com as imagens, inclusive através de diálogos (prática da imagem) e a meditação através de fantasias sobre as próprias imagens (elaboração lírica); (2) o trabalho de reflexão composto pela

própria elaboração lírica e, posteriormente, pela elaboração da linguagem conceitual. A psique se caracteriza, dessa maneira, como um mundo vivo, regido pela imaginação e a proposta de Jung se configura como uma ética de “respeito às imagens” (HILLMAN, SHAMDASANI, 2015, p. 110).

Pautado em textos alquímicos, Jung (2011k) recomenda que fiquemos com a imagem produzida de maneira espontânea. Há, portanto, a “necessidade de concentrar-se na obra e de meditar sobre ela” (JUNG, 2011g, p. 160). Lembrando que meditação, aqui, possui o sentido de “diálogo interior” e não de meditação cartesiana. A imagem simbólica caracteriza-se por não ser compreensível de maneira imediata e de representar uma parcela de energia psíquica estagnada. Ficar com a imagem e meditar a partir dela (imaginação ativa) são tarefas que demandam tempo e possibilitam que a energia psíquica seja colocada novamente em movimento.

As elaborações imagéticas levadas a cabo por Jung (2012) no “Livro vermelho” favorecem, inicialmente, a formulação estética que necessita, num segundo momento, do confronto consciente com essas imagens: “a formulação estética precisa da compreensão do significado do material, e a compreensão, por sua vez, precisa da formulação estética” (JUNG, 2011l, p. 31-32). Na relação entre a expressão de um conteúdo inconsciente (formulação estética) e a compreensão do significado (confronto ético), temos dois fenômenos que são necessários, caracterizando o que Jung denomina pelo termo “função transcendente”: a aproximação entre o conteúdo inconsciente e o seu oposto; e a postura reflexiva do sujeito.

Considerações finais

A proposta do Grupo Caminhos Junguianos de produzir conhecimento a partir da educação pelo trabalho e da busca pelos fundamentos teórico-metodológicos leva em consideração alguns valores que implicam em determinados procedimentos: (1) considerar que o mundo é abundante, não sendo possível

sua apreensão total por qualquer modelo cientificista e/ou concepções teóricas (FEYERABEND, 2006); (2) que a tentativa de apreensão de fenômenos tão variados determina uma redução do escopo de fenômenos que merecem ser observados, criando hábitos mentais repetitivos e metodologias padronizadas, sendo necessária a criação de contrarregras e de metodologias diversificadas (FEYERABEND, 2011); (3) a emergência de temas de suma importância não pode ser tratada como algo que se conhece de antemão e nem que encerre uma totalidade discursiva, ao contrário, os temas que surgem em experiências nos campos de prática e no âmbito da pesquisa devem ser debatidos com a intenção de abrir espaço para um tempo de adiamento da ação (FIGUEIREDO, 2015) e para os significados variados (JUNG, 2011a); (4) possibilitar que a relação entre concepções canônicas e as variações temáticas sejam trabalhadas (JUNG, 2011g; JUNG; KERÉNYI, 2001); e, sem abrir mão da clareza que possibilita a comunicação com os outros, incentivar a enunciação de fantasias criadoras (*esse in anima*), trabalhadas de maneira cotidiana (JUNG, 2011a).

Referências

BRANDÃO, J. S. **Mitologia grega**. Petrópolis: Vozes, 2004. v. 1.

FEYERABEND, P. **A conquista da abundância**. São Leopoldo: Unisinos, 2006.

_____. **Adeus à razão**. São Paulo: Unesp, 2010.

_____. **Contra o método**. São Paulo: Unesp, 2011.

FIGUEIREDO, L. C. M. **Revisitando as Psicologias**: da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos. Petrópolis: Vozes, 2015.

HENRIQUES, V. F.; MELO, W. A recepção das premissas de Haeckel na obra de Jung. *Fractal: Revista de Psicologia*, Niterói, v. 31, n. 1, p. 11-15, 2019.

HILLMAN, J.; SHAMDASANI, S. **Lamento dos mortos**: a psicologia depois de O Livro Vermelho de Jung. Petrópolis: Vozes, 2015.

JACOBI, J. **Complexo, arquétipo e símbolo**. São Paulo: Cultrix, 1986.

JUNG, C. G. **Tipos psicológicos**. Petrópolis: Vozes, 2011a.

_____. **Estudos psiquiátricos**. Petrópolis: Vozes, 2011b.

_____. **Estudos experimentais**. Petrópolis: Vozes, 2011c.

_____. **Psicogênese das doenças mentais**. Petrópolis: Vozes, 2011d.

_____. **Freud e a psicanálise**. Petrópolis: Vozes, 2011e.

_____. **Símbolos da transformação**. Petrópolis: Vozes, 2011f.

JUNG, C. G. **Psicologia e alquimia**. Petrópolis: Vozes, 2011g.

_____. **Sincronicidade**. Petrópolis: Vozes, 2011h.

_____. Os problemas da psicoterapia moderna. In: JUNG, C. G. **A prática da psicoterapia**. Petrópolis: Vozes, 2011i. p. 66-89.

_____. **Psicologia do inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 2011j.

_____. A aplicação prática da análise dos sonhos. In: JUNG, C. G. **Ab-reação, análise dos sonhos e transferência**. Petrópolis: Vozes, 2011k. p. 22-45.

_____. A função transcendente. In: JUNG, C. G. **A natureza da psique**. Petrópolis: Vozes, 2011l. p. 13-38.

_____. Fundamentos de psicologia Analítica. In: JUNG, C. G. **A vida simbólica**. Petrópolis: Vozes, 2011m. v. 1. p. 13-200.

_____. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2011n.

_____. **A energia psíquica**. Petrópolis: Vozes, 2011o.

_____. **Livro vermelho: Liber Novus**. Petrópolis: Vozes, 2012.

JUNG, C. G.; KERÉNYI, C. **Introduction à l'essence de la mythologie**. Paris: Payot, 2001.

JUNG, C. G.; WILHELM, R. **O segredo da flor de ouro**. Petrópolis: Vozes, 2013.

KERÉNYI, K.; HILLMAN, J. **Édipo e variações**. Petrópolis: Vozes, 1995.

MATTOON, M. A. **Como entender os sonhos**. São Paulo: Paulus, 2013.

MELO, W. **Nise da Silveira**. Rio de Janeiro/Brasília: Imago/CFP, 2001.

_____. **Ninguém vai sozinho ao paraíso: o percurso de Nise da Silveira na psiquiatria do Brasil**. Tese [doutorado]. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

_____. Maceió é uma cidade mítica: o mito da origem em Nise da Silveira. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 101-124, 2007.

_____. **O terapeuta como companheiro mítico: ensaios de psicologia analítica**. Rio de Janeiro: Espaço Artaud, 2009a.

_____. Nise da Silveira e o campo da saúde mental (1944-1952): contribuições, embates e transformações. **Mnemosine**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 30-52, 2009b.

_____. Nise da Silveira, Antonin Artaud e Rubens Corrêa: fronteiras da arte e da saúde mental. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, p. 182-191, 2010a.

_____. Nise da Silveira, Fernando Diniz e Leon Hiszman: política, sociedade e arte. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 633-652, 2010b.

_____. O efeito dominó: a relação entre a obra de Nise da Silveira e a arte concreta no Brasil. In: MELO, W.; FERREIRA, A. P. (Orgs.). **A sabedoria que a gente não sabe**. Rio de Janeiro: Espaço Artaud, 2011. p. 79-94.

_____. **Oswaldo dos Santos**. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2013.

_____. O interesse de Jung pelos fenômenos anômalos: concepções do campo científico e implicações pedagógicas. In: MELO, W.; RESENDE, P. H. C.; SILVEIRA, S.; HENRIQUES, V. F.; SOUZA, E. A. F. (Orgs.). **A liberdade ainda que tardia**. Rio de Janeiro: Espaço Artaud, 2015. p. 90-103.

MELO, W. Il Museo delle Immagini dell'Inconscio: storia, metodo, trasformazione culturale. **Osservatorio Outsider Art**, Palermo, 13, 2017.
p. 100-115.

_____. La constellation des mythologèmes: aspects des phénomènes de synchronicité. **M@gm@: Rivista Internazionale di Scienze Umane e Sociali**, Catania, v. 16, n. 2, p. 1-6, 2018.

MELO, W.; FERREIRA, A. P. Clínica, pesquisa e ensino: Nise da Silveira e as mutações na psiquiatria brasileira. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 16, n. 4, p. 555-569, 2013.

MELO, W.; RESENDE, P. H. C. The impact of James's Varieties of Religious Experience on Jung's work. **History of Psychology**, Washington, v. 22, p. 1-15.

MELO, W.; RESENDE, P. H. C.; SILVEIRA, S; HENRIQUES, V. F.; SOUZA, E. A. F. (Orgs.). **A liberdade ainda que tardia**. Rio de Janeiro: Espaço Artaud, 2015.
MELLO, L. C. **Nise da Silveira: caminhos de uma psiquiatra rebelde**. Rio de Janeiro: Automatica, 2014.

PAULI, W. La influencia de las ideas arquetípicas em las teorías científicas de Kepler. In.: ENZ, C. P.; MEYENN, K. (Orgs.). **Escritos sobre física y filosofía**. Madrid: Debate, 1996. p. 277-353.

POLANYI, M. **Personal Knowledge: towards a post-critical philosophy**. Chicago: University of Chicago, 1974.

SILVEIRA, N. **Imagens do inconsciente**. Rio de Janeiro: Alhambra, 1981.

_____. **Casa das Palmeiras: a emoção de lidar**. Rio de Janeiro: Alhambra, 1986.

_____. **O mundo das imagens**. São Paulo: Ática, 1992.

SOUZA, E. A.; MELO, W. Os argumentos psicológicos em “A Estrutura das Revoluções Científicas” de Thomas Kuhn. **Psicologia em Estudo**, Maringá, 23, p. 1-14, 2018.

VAIHINGER, H. **A filosofia do como se**. Chapecó: Argos, 2011.